

APRESENTAÇÃO

A *Revista Lingua & Literatura* chega ao v. 16, n. 26 com um chamado especial ao exame das relações interconstitutivas entre memória, identidade e territorialidade, chamado ao qual atenderam, a partir de perspectivas diversas, os pesquisadores que publicam seus ensaios na sessão inicial desta publicação, que é temática.

Abre este número o ensaio “Devir-Brasil: a desarticulação da identidade nacional e a invenção de um povo por vir”, de Carla Miguelote. A autora ecoa, no título, reflexões do cientista político Giuseppe Cocco em seu livro *MundoBraz: o devir-mundo do Brasil e devir-Brasil do mundo*, as quais subjazem a seu estudo. Miguelote traça uma pequena cartografia de produções artísticas que colocam em discussão a mestiçagem brasileira, contrapondo, à noção de uma identidade nacional una, a aposta no devir, a qual é correlata ao desejo de diferenciação, troca e respeito à alteridade. A seguir, Valéria Gomes Ignácio, Maria Rosa Duarte de Oliveira analisam o romance *Aos 7 e aos 40*, de João Anzanello Carrascoza, no qual percebem singular “exercício poético de arquitetura da identidade e do entendimento humano da experiência do tempo”, através da articulação ficcional da memória e trajetória em zonas liminares imprecisas. Já Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho e Emias Oliveira da Costa centram-se, em “Cidade, cultura e território”, em representações da cidade de Fortaleza no Caderno 3 do jornal *Diário do Nordeste*, o qual dedica-se exclusivamente à cidade de Fortaleza. Os autores se propõem a identificar e descrever discursos sobre a cidade, estudo para o qual os conceitos de espaço urbano e nomoespaço, bem como a própria concepção de cidade tornam-se fundamentais.

Os dois próximos ensaios enfocam a construção de identidades ameríndias. Maria Luiza de Paula Lopes Fernandes Vieira e Roland Gerhard Mike Walter, em “A territorialidade e a construção da memória e da identidade ameríndias”, buscam entender o papel da geografia e da territorialidade na construção da memória e da identidade ameríndias, para o que analisam relatos históricos e antropológicos, bem como textos literários de autoria de Daniel Munduruku (Munduruku/Brasil), Linda Hogan (Chicasaw/Estados Unidos) e Jeannette Armstrong (Okanagan/Canadá). Isaias Francisco de Carvalho, em “Memória fantasmática dos Aruaques e Caribes”, analisa a presença fantasmática das línguas ameríndias dos aruaques e dos caribes em *Omeros*, obra do poeta e dramaturgo caribenho Derek Walcott (1994). O autor problematiza o papel da língua inglesa como língua franca global, e os apagamentos linguísticos dos povos indígenas caribenhos. Na sequência, Shirley de Souza Gomes Carreira enfoca a tematização da imigração japonesa no Brasil em *Nihonjin*, romance de Oscar

Nakasato, o qual recria, sob o olhar do neto do migrante Hideo, a saga intergeracional de uma família, seus choques culturais e conflitos geracionais, ao mesmo tempo em que reelabora fatos históricos. Carreira detém-se na análise das inter-relações entre memória e identidade no âmbito do romance.

Encerram a sessão temática estudos que se voltam ao universo ficcional moçambicano e à representação do negro na América. É a partir da revolução histórico-social do feminismo que Benvinda Lavrador apresenta uma análise da construção romanesca da personagem feminina Yara, protagonista do romance *Yara, a virgem da Babilónia*, de Adelino Timóteo. A autora observa como a personagem subverte padrões tradicionais, e afirma-se mulher, redefinindo-se não mais em posição de subalternidade em relação ao elemento masculino, mas a partir da construção de uma identidade própria. Já José Paiva Santos, ao discutir a representação de conjuradores e conjuramentos em *The Conjure Woman* (1899), coletânea de contos do autor afroestadunidense Charles W. Chesnutt, ressalta como as intervenções por parte dos conjuradores representam exercícios de resistência política e cultural que objetivam impedir a reificação e aniquilamento histórico do sujeito negro, desafiando tendências oitocentistas que insistiam em retratar o negro como ser subserviente e contente, ou como ser destituído de cultura, religião e história.

A sessão Vária apresenta um panorama multifacetado e instigante de leituras, que se movem da historiografia literária, com o estudo de Luciana Abreu Jardim acerca da influência de escritores franceses e anglo-americanos em Erico Verissimo, à denúncia, em análise de Demétrio Alves Paz, do “seqüestro” das novelas de cavalaria nos manuais de História da Literatura Portuguesa, e à apreciação dos salões caricaturais publicados por Angelo Agostini na *Revista Ilustrada* (1876-1898), de autoria de Benedita de Cássia Lima Sant’Anna. Contempla, ainda, o gênero autobiográfico em *O que é isso, companheiro?*, uma abordagem comparatista do conto “O texto denuncia tatuado” de Sérgio Sant’Anna e do filme “O livro de cabeceira” de Peter Greenaway, e um estudo sobre *Malinche*, de Laura Esquivel, em textos da autoria de, respectivamente, Ana Carolina Moura Mendonça e Andrey Pereira de Oliveira, Raul Ignacio Arriagada e Maria Luana dos Santos e Alexandra Santos Pinheiro.

Esta edição completa-se, ainda, com uma entrevista e três resenhas. Em “Contar para (re)viver” Adilson Barbosa entrevista a escritora Liliana Laganá; encerrando o volume, Maurício Silva, Adriana Dusilek e Valdemar Valente Júnior dividem com o leitor suas impressões acerca de, respectivamente, *Modernismo em revista: estética e ideologia nos*

periódicos dos anos 1920, *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional* e *Bom dia, camaradas*.

Denise Almeida Silva (URI)

Maria Carolina de Godoy (UEL)

Rejane Gehlen (UFRGS)

Organizadoras